Vol. 34, nº 3 (2026)

INTERTEXTOS: OS MITOS DA TRADIÇÃO ORAL N*O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, DE PAULINA CHIZIANE

***

INTERTEXTS: THE MYTHS OF ORAL TRADITION IN PAULINA CHIZIANE'S JOYFUL SONG OF THE PARTRIDGE

Simone de Barros Berte[1]

Recebimento do Texto: 15/05/2026
Data de Aceite: 10/06/2026

Resumo: Este artigo analisa, no romance *O alegre canto da perdiz* (2018), de Paulina Chiziane, ocorrências de intertexto elaborado a partir de mitos da tradição moçambicana que contextualizam a história contemporânea pós-colonial. A discussão aponta que os mitos ancestrais são mobilizados para recontar a história recente de Moçambique, contribuindo para a exegese, e participam da reconstrução identitária e da resistência cultural. A autora mobiliza elementos da oralidade para reinterpretar criticamente a experiência colonial, revisitando a chegada dos colonizadores, a violência do domínio europeu e os impactos do apagamento cultural. Nesse sentido, o romance reafirma a permanência da tradição oral, sobretudo por meio da intertextualidade mítica, na literatura africana contemporânea de língua portuguesa, valorizando os saberes ancestrais como forma de preservação da memória coletiva e resistência simbólica. As análises sustentam-se em Barthes (2004), Mata (2003), Leite (1998, 2003, 2022), Eliade (1972), entre outros.

Palavras-chave: Mito. Intertexto. Tradição oral.

Abstract: This article analyses instances of intertextuality in Paulina Chiziane's novel O alegre canto da perdiz (2018), drawn from myths of the Mozambican tradition that contextualise the country's contemporary post-colonial history. The discussion highlights that ancestral myths are drawn upon to retell Mozambique's recent history, contributing to its interpretation, and play a part in the reconstruction of identity and cultural resistance. The author draws on elements of oral tradition to critically reinterpret the colonial experience, revisiting the arrival of the colonisers, the violence of European rule and the impacts of cultural erasure. In this sense, the novel reaffirms the enduring presence of oral tradition – particularly through mythical intertextuality – in contemporary Portuguese-language African literature, valuing ancestral knowledge as a means of preserving collective memory and symbolic resistance. The analyses draw on Barthes (2004), Mata (2003), Leite (1998, 2003, 2022) and Eliade (1972), amongst others.

Keywords: Myth. Intertext. Oral tradition.

1 Introdução

A colonização ensejou profundas mudanças nos modos de organização cultural tradicional no continente africano. A imposição de estruturas políticas, religiosas e linguísticas europeias provocou transformações significativas nas formas de sociabilidade, nos sistemas de crenças e nas dinâmicas de transmissão dos saberes ancestrais. Em muitos

[1] Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: simone.berte@unemat.br

contextos africanos, a oralidade, que durante séculos constituiu o principal meio de preservação da memória coletiva, passou a ser progressivamente marginalizada em razão da valorização dos modelos culturais europeus.

Tal processo é explicado por Leite (1998, p. 31), ao afirmar que, nos contextos de pós-independência, "verifica-se que a relação das cidades com o mundo clânico e do interior, onde as tradições orais mais vivamente se mantêm, foi sendo cada vez mais perturbada e alterada". Mesmo porque, nas últimas décadas, "a relação com as tradições orais e com a oralidade é, à partida, uma relação em 'segunda mão', resultante; na maioria dos casos, não de uma experiência vivida, mas filtrada, apreendida, estudada" (Leite, 1998, p. 31-32). Nesse contexto de transição, as tradições orais nem sempre resultam de um contato direto com as práticas comunitárias originárias, mas passam a ser reelaboradas pelos escritores e intelectuais que as estudam, reinterpretam e reinscrevem no espaço da escrita literária.

Dessa forma, as literaturas africanas de língua portuguesa assumem um importante papel na preservação e na revitalização das tradições culturais silenciadas pelo colonialismo. A incorporação de mitos, provérbios, lendas, canções e estruturas narrativas inspiradas na oralidade constitui uma estratégia de resistência cultural e de afirmação identitária diante das marcas deixadas pela dominação colonial. Nesse sentido, a escrita literária torna-se espaço de recuperação da memória coletiva, permitindo que experiências historicamente marginalizadas encontrem novas formas de permanência e circulação.

Nesse aspecto, devido à importante influência dos traços orais na África, de modo geral, e em Moçambique, em particular, a autora Paulina Chiziane, em sua literatura, recorre às formas tradicionais como elemento constituinte de sua obra com o intuito de valorizar os saberes e a cultura de seu país. Em diversos momentos ao longo de *O alegre canto da perdiz* (2018), mitos são retomados com vistas a fortalecer a tradição oral tanto na forma quanto no conteúdo que compõem o romance. A autora articula oralidade e escrita de maneira singular, promovendo um diálogo entre memória ancestral e experiência contemporânea, especialmente ao abordar questões relacionadas à colonização, identidade, gênero e pertencimento cultural.

Na perspectiva de Roland Barthes (2004, p. 64), em *A morte do autor*, "um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação". Como não existe escrita que parta do vazio, a

intertextualidade precede toda produção textual, podendo manifestar-se de forma indireta ou direta. Porém, o intertexto, na perspectiva desta análise, refere-se sobretudo ao segundo caso, no qual existe uma explicitação do referencial mobilizado pela narrativa.

Por meio desse recurso, a obra de Chiziane (2018) revisita, repensa e reformula elementos da tradição oral moçambicana, proporcionando uma mediação representacional entre cultura, memória e realidade histórica. O romance estabelece intertextos com formas narrativas tradicionais ao incorporar mitos, lendas e contos orais que dialogam com a experiência pós-colonial. Esse processo é realizado de diferentes maneiras no romance, seja pelo diálogo entre tradição e modernidade, pela estrutura narrativa inspirada na oralidade, seja pela retomada de narrativas míticas que reconfiguram a compreensão do passado e do presente.

Com tais referências, o romance mostra a circulação de vozes que formam a cultura africana, pois existe uma "ressonância dialógica que remete aos enunciados anteriores do outro" (Bakhtin, 1997, p. 327) e que compõe a historicidade da linguagem. A narrativa evidencia, assim, que os discursos não surgem de forma isolada, mas são construídos a partir de uma rede de memórias culturais, históricas e ideológicas. Diante disso, os mitos que compõem a narrativa em análise revelam sua inscrição numa tradição coletiva que ultrapassa o âmbito do imaginário, funcionando como instrumento de explicação do mundo, preservação cultural e resistência simbólica. Tal fenômeno configura o intertexto e reafirma a oralidade como elemento fundamental da construção literária africana contemporânea.

2 Intertexto: a vida pelos mitos da tradição

Mircea Eliade (1972) nos auxilia a construir uma ideia, que afirma ser ampla, do que são os mitos: narrativas elaboradas pelas diferentes culturas, frequentemente associados ao sobrenatural, que possuem valor simbólico primordial. A mitologia, por conseguinte, torna-se uma necessidade humana, uma vez que as culturas necessitam das narrativas para construir os sentidos que atribuem à existência (Eliade, 1972). Nas palavras do autor:

> o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a

> narrativa de uma ‘criação’: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser (Eliade, 1972, p. 9),

A partir disso, compreendemos que os mitos cumprem a função de explicar a origem de tudo o que é considerado essencial para a humanidade. Além disso, a filósofa romena afirma que, especialmente nas sociedades onde o mito é vivo, ou foi, até recentemente, eles fornecem “os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência” (Eliade, 1972, p. 6).

Na obra *O alegre canto da perdiz,* de Paulina Chiziane (2018), os mitos cumprem exatamente esta função explicada acima. A reatualização das narrativas orais estrutura o sentido da existência das personagens do romance. O excerto exemplifica como a narrativa constrói intertextos entre mito, tradição oral e história:

> Querem saber de onde eles vêm? E nós, de onde viemos? Está bem, mais uma vez vos digo. É aqui, nos Montes Namuli, o berço da Zambézia inteira. Eles vieram, sim, para nos lembrar tempos em que a terra era nossa e as montanhas pariam vida. Embora muitos digam que nascemos num éden distante e de um casal estrangeiro, vieram estes para nos lembrar a morte lenta dos nossos mitos. Dos tempos em que não havia fome, quando o paraíso original vivia no ventre do nosso monte e era aqui o berço da humanidade e de todas as espécies do planeta. Vieram para nos fazer renascer. Para nos reunir em comunhão com o grande espírito e repousarem no solo sagrado dos montes, porque aqui tudo começa e tudo termina. Zambézia tem fronteiras? Não, porque aqui é o centro do cosmos. Todo o planeta terra se chama Zambézia. Os Montes Namuli são o ventre do mundo, o umbigo do céu (Chiziane, 2018, p. 37).

Nesse trecho, a mulher do régulo, “exímia contadora de estórias” (Chiziane, 2018, p. 18), desempenha o papel de resgatar as tradições orais e construir uma rede de apoio entre as mulheres da aldeia. Ela conta a origem da humanidade, estabelece um diálogo com suas interlocutoras e transforma a tradição oral em elemento de conexão entre elas. Suas falas parecem se dirigir também aos leitores da narrativa; tal característica colocada no romance retoma uma forma de contar histórias, que elabora um intertexto entre a literatura escrita e o texto oral.

O trecho faz intertexto com a cosmologia mitológica africana que se opõe à concepção cristã de origem da humanidade, ao apresentar outra verdade, segundo a qual agora a África é o centro do mundo. Nessa leitura, os Montes Namuli, localizados na Zambézia, então, seriam o lugar onde se originou a humanidade, portanto é ele um local sagrado, ou seja, a origem de tudo não aconteceu no Éden. Com isso, o texto questiona a

versão universalista cristã da criação e a substitui por uma versão construída a partir das tradições orais e religiosas moçambicanas.

Além disso, o trecho sugere ainda que a percepção crítica sobre a imposição da narrativa cristã de origem faz lembrar de seus próprios mitos que morrem lentamente: "vieram estes [os portugueses] para nos lembrar da morte lenta dos nossos mitos" (Chiziane, 2018, p. 37). Esse aspecto é retomado algumas vezes na obra, como exemplificaremos mais adiante.

> Era uma vez uns navegadores que se fizeram ao mar. [...]
> No princípio de tudo, os povos da terra acreditavam em Zuze, o deus do mar. Acreditavam que no fundo do mar residiam todas as maravilhas da terra prometida. Achavam que o mar era a residência de todos os espíritos bons. Foi por isso que olharam para os navegadores como fiéis mensageiros do Grande Espírito, por terem a cor clara de alguns peixes das águas profundas. Então, os reis trajaram os melhores enfeites para receber condignamente os mensageiros dos deuses. Com batucadas, danças e tudo. Puseram as donzelas mais lindas a requebrarem-se na dança do tufo e do nhambarro. Por outro lado, os súbditos do reino desfilavam com galinhas, cocos, bananas, papaias, ouro e marfim para oferecer os visitantes do fundo do mar. Fiquem aqui, marinheiros e fecundem estas donzelas, rogavam os reis, soltem algumas das vossas sementes nestas terras para a eterna celebração da vossa passagem por estes trópicos. [...] Prepararam poções mágicas à base de coco e deram aos marinheiros. Qualquer visitante que beba dessa poção esquece o caminho de regresso. Fizeram tudo para os visitantes não saírem dali. Mas os teimosos marinheiros partiram sem despedida. Bruxaria de preto não faz efeito no branco, comentaram amargamente. Como estavam enganados! Pouco depois os marinheiros regressaram, arrasados por uma paixão dourada. Com canhões, espingardas, chicote e muito vinho, para fazer a limpeza da terra e entorpecer os incómodos. Tinham achado a terra prometida.
> Os navegadores correram de aldeia em aldeia, derramando sangue, profanando túmulos, pervertendo a história, fazendo o impensável. A Zambézia abriu o seu corpo de mulher e se engravidou de espinhos e fel. Em nome desse amor se conheceram momentos de eterno tormento e as lágrimas tornaram-se um rio inesgotável no rosto das mulheres (Chiziane, 2018, p. 60-62).

A referência cruzada de estórias orais com a realidade histórica é iniciada pela expressão estrutural de abertura do mito: "Era uma vez...". A narradora apresenta a reação dos povos dominados, na ocasião do primeiro contato entre africanos e europeus. O excerto recorre à cosmovisão tradicional para explicar por que os africanos teriam, tão amistosamente, recebido os navegantes brancos. A justificativa estaria no fato de eles terem vindo do mar, por isso, sequer precisaram convencer sobre sua idoneidade, pois esse era interpretado pelos nativos como residência dos "espíritos bons".

A cor clara também foi um passaporte, porque tornava-os semelhantes aos peixes de águas profundas. Essa referida ingenuidade facilitou a invasão, haja vista que os portugueses,

com aval das autoridades locais, puderam se aproveitar da interpretação dos povos tradicionais, que se baseava em um sistema de crenças fundamentada na espiritualidade e na reverência aos poderes da natureza.

Nesse contexto, a implantação do domínio colonial teria sido facilitada pela recepção excessivamente cordial dos governantes nativos e sua população, bem como em razão da cor da pele dos portugueses, — como se a cor clara confirmasse a bondade destes e sua relação com os seres divinos. Tais julgamentos, de certo modo, marcam uma recepção que considerou que os visitantes fossem superiores em relação a si próprios, pessoas comuns.

Diferente desta perspectiva mitológica, na Europa do final do século XIX e início do XX, além do mito da supremacia racial, "os europeus acreditavam que sua pretensa superioridade sobre os negros africanos estava confirmada por sua conquista colonial" (Ki-Zerbo, 2006, p. 14-15). Portanto, a própria ocupação de novos territórios, a dominação militar e até a posse de armas e demais equipamentos eram considerados fundamentos legitimadores dessa característica.

O trecho ainda ironiza a idealização da figura do marinheiro recebido nas terras africanas como "mensageiros dos deuses". O que mascarou a verdade, que sua vinda ocorreu para explorar as terras moçambicanas. O fragmento se refere especificamente a terem arrasado a Zambézia, região fértil que simboliza, segundo o romance, a mulher violada. A região, mais do que desejada pelos marinheiros, teria sido oferecida pelos próprios africanos, que acreditavam ser vantajoso o relacionamento fecundo com os europeus, brancos.

Assim, denuncia a compreensão de que o corpo feminino era tratado, por ambos os lados, moçambicanos e portugueses, como objeto próprio para exploração. Tal abertura proporcionada pelos nativos facilitou a violência da colonização. Mas é óbvio que o caráter exploratório tinha como foco as riquezas naturais como o ouro pelo qual os marinheiros teriam ficado "arrasados por uma paixão dourada" (Chiziane, 2018, p. 62), mas também as mulheres serviram como objeto sexual de distração dos homens que passaram a viver ou visitar a colônia.

No trecho "as lágrimas tornaram-se um rio inesgotável no rosto das mulheres" (Chiziane, 2018, p. 62), a dor ultrapassa o caráter individual ao metaforizar a dor feminina como expressão contínua e coletiva da história, que atravessa gerações. Como a Zambézia explorada e violentada, o corpo da mulher simboliza a própria terra colonizada, e seu

sofrimento representa a dor social; logo, elas seriam depositárias de um trauma histórico permanente.

Ainda sobre a chegada dos marinheiros, o próximo trecho da obra demonstra como aconteceu o controle político português, que colocou o africano como inferior, a partir do "controle da terra" e "dos colonizados" (Cabaço, 2009, p. 40).

> Os marinheiros vieram sem serem chamados e por nós aclamados. Desceram vitoriosos das suas naves, seus barcos e instrumentos de tortura. Saudámo-los com cânticos e eles retribuíram com o fogo mortífero das espingardas, que nos arrastam até o abismo. Somos almas flutuando no abismo. A terra já não nos pertence. Já não tenho passado. Nem sequer sobrou a lenda, e até o mito sucumbe nas entranhas do futuro. Dias mais negros virão, sim (Chiziane, 2018, p. 146).

Apesar da receptividade oferecida, as comunidades locais foram traídas. Além das mortes, da perda da terra, "os marinheiros" lhes tiraram sua história e parte de sua cultura, como afirma a narradora, "nem sequer sobrou a lenda, e até o mito sucumbe" (Chiziane, 2018, p. 146). O trecho final indica a eficácia do plano colonial em dominar os nativos ao afirmar a crise existencial e o apagamento histórico causados pelos processos violentos da colonização. O passado dessa população foi refeito de tal maneira que "Nem sequer sobrou a lenda, e até o mito sucumbe nas entranhas do futuro". Assim, uma vez que, a lenda, que representa a tradição oral, não foi preservada e até o mito, que representa a narrativa sagrada e fundacional, colapsa, o porvir é coberto por incertezas e um profundo pessimismo.

Destacamos ainda a marcação da questão racial no final do trecho. Ao demonstrar descrença em relação ao futuro, ao invés de dizer que dias piores virão, usa a expressão "dias mais *negros* virão". A utilização de *negros* como termo pejorativo, expressa a ligação com a história do racismo, com a colonização, que levou a desumanização, marginalização e desvalorização dos corpos negros com intuito deliberado de eliminar a identidade desses povos.

Diante dessas análises, é importante, então, perceber a tradição oral como artifício levado para a escrita do romance africano, pois "é igualmente uma espécie de certificação literária da necessidade histórica de uma permanente descolonização material e mental" (Leite, 2022, p. 10). Assim, os escritores têm incorporado "as narrativas orais africanas (oralitura e romance), consolidando-se como gênero singular naquele continente" (Leite, 2022, p. 12) e, particularmente, em Moçambique.

Imbricado pelo contexto social e político do país, a obra reconta a história e fortalece tradições orais. Como pano de fundo, além do contexto pós-colonial e de tudo que ele construiu, em sua exegese, a narrativa insere as histórias orais que vão formando um dos aspectos fundamentais de sua escrita; a saber, a centralidade na experiência das figuras femininas que torna visível o sistema que engendra e oprime as mulheres.

Em entrevista concedida a Rogério Faria Tavares e Nazareth Soares Fonseca, publicada pelo canal Academia Mineira de Letras, a autora afirma que "a oralidade é o espaço do afeto [...] e a tradição oral não é uma coisa menor, a oralidade é o lugar da humanidade" (Chiziane, 2022). Por meio dessas falas, a escritora indica a relevância que atribui à tradição oral. Valor este que pode ser percebido em sua escrita literária ao analisarmos seu romance. Tal valorização tem sido comum nas literaturas africanas de língua portuguesa, pois, segundo Mata (2003, p. 67-68) existe

> [...] um processo de recriação de desenredos verbais a que se segue a incorporação de saberes não apenas linguísticos, mas também de vozes tradicionais [...] Essa revitalização segue pela via de levedação em português de signos multiculturais transpostos para a fala narrativa em labirintos idiomáticos como forma de resistência ao aniquilamento da memória e da tradição.

Para Mata (2003), os escritores africanos pretendem a revitalização e incorporação de saberes orais, e usam este recurso para fortalecer a cultura das comunidades com vistas a preservar os traços orais que atribuem subjetividade e identidade. Diante disso, a apresentação dos mitos confere aos textos experiências ancestrais e imprime o saber que apenas a experiência guardada na memória coletiva poderia perpetuar.

No caso da obra de Chiziane, é desenvolvida uma escrita "à maneira da oratura" (Leite, 2003, p. 74), que se vale de mitos para ampliar os contornos da oralidade no romance. Além disso, mais do que recordar a tradição oral mítica, a narrativa insere na contextualização do presente a revitalização da história com função simbólica exemplar.

3 Considerações Finais

A partir da análise realizada foi possível constatar que o romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane (2018), introduz mitos da memória coletiva moçambicana relacionando-os aos acontecimentos opressores coloniais. Ao recorrer às estruturas míticas, a obra estabelece um intertexto que renova as dinâmicas culturais ancestrais e as revitaliza, conferindo novos sentidos ao contexto pós-colonial. Ademais, a narrativa reelabora a tradição oral não apenas como elemento estético, mas também como instrumento de interpretação histórica e de resistência cultural diante das marcas deixadas pelo colonialismo.

O projeto literário da autora é repleto de nuances orais, pelas quais o romance absorve e sintetiza características da tradição de seu país. Desse modo, mais do que atualizar os mitos na contemporaneidade, a autora promove o resgate de um repertório cultural silenciado durante o processo colonial, recolocando, como foi possível verificar, os mitos para explicar e até ordenar as transformações que ocorrem nessa nova configuração social do pós-independência. Os mitos, nesse sentido, não aparecem como simples vestígios do passado, mas como narrativas vivas que continuam produzindo sentidos para compreender os conflitos sociais, identitários e culturais do presente.

Ao incorporar formas narrativas próprias da oralidade, a obra reafirma a importância da memória coletiva como espaço de preservação cultural. A presença de contadoras de histórias, a circulação de vozes coletivas e a estrutura dialógica do romance aproximam a escrita literária das práticas tradicionais de transmissão do saber. Dessa maneira, a narrativa constrói uma escrita "à maneira da oratura", conforme propõe Leite (2003), revelando a permanência dos traços orais na literatura africana contemporânea de língua portuguesa.

Além disso, a retomada dos mitos evidencia uma crítica ao apagamento cultural provocado pela colonização, sobretudo no que diz respeito à desvalorização das cosmologias africanas e à imposição de modelos europeus de conhecimento. Ao apresentar versões míticas da origem da humanidade e da chegada dos colonizadores, a autora questiona discursos históricos cristalizados e recupera perspectivas silenciadas pela narrativa colonial. Nesse movimento, o romance reconfigura simbolicamente a história moçambicana, permitindo que vozes marginalizadas encontrem espaço de representação e legitimidade.

A reflexão promovida por meio da intertextualidade com a tradição mítica mantém viva a memória coletiva e reafirma o valor crítico atribuído às narrativas ancestrais na leitura do presente. Tal procedimento literário opera, por meio da representação simbólica, gestos de ressignificação identitária e de resistência cultural. Assim, o romance evidencia que a tradição oral permanece fundamental para a constituição das identidades africanas, funcionando como espaço de preservação histórica, fortalecimento cultural e enfrentamento das heranças coloniais.

Desse modo, observa-se que a obra de Chiziane (2018) contribui significativamente para os estudos das literaturas africanas de língua portuguesa ao demonstrar como a oralidade e os mitos podem ser incorporados à escrita romanesca de maneira crítica e estética. O diálogo entre tradição e modernidade desenvolvido pela autora amplia as possibilidades de compreensão da experiência pós-colonial moçambicana e reafirma a literatura como espaço de memória, denúncia e reconstrução cultural. Por fim, salientamos que outras ocorrências míticas presentes ao longo da narrativa ainda podem ser analisadas futuramente, de modo a ampliar as discussões acerca da intertextualidade, da oralidade e da resistência simbólica na literatura africana contemporânea.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, R. A morte do autor. *In*: BARTHES, R. **O rumor da língua**. Tradução Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-64

CABAÇO, J. L. **Moçambique**: identidade, colonialismo e libertação. São Paulo: Editora Unesp/ANPOCS, 2009.

CHIZIANE, P. **O alegre canto da perdiz**. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1972.

ENTREVISTA com Paulina Chiziane, vencedora do Prêmio Camões 2021. [*S. l.: s. n.*], 2022. 1 vídeo (59 min). Publicado pelo canal Academia Mineira de Letras, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mt0QmV9rdxg. Acesso em: 13 mar. 2025.

KI-ZERBO, J. **Para quando a África**? Entrevista com Renè Holenstein. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

LEITE, A. M. Paulina Chiziane: romance de costumes, histórias morais. *In*: LEITE, A. M. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. Lisboa: Colibri, 2003. p. 75-87.

LEITE, A. M. Empréstimos da oralidade na produção e críticas literárias africanas. *In*: LEITE, A. M. **Oralidades & escritas nas literaturas africanas**. 2. ed. Lisboa: Colibri - Artes Gráficas, 1998. p. 10-36

LEITE, A. M.; BERGAMO, E. A.; BRUGIONI, E.; CANEDO, R. O romance africano visto de longe. *In*: LEITE, A. M.; BERGAMO, E. A.; BRUGIONI, E.; CANEDO, R. (org.). **O romance africano**: tensões, conexões, tradições. Goiânia: Cegraf UFG, 2022, p. 9-33.

MATA, I. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns. *In*: LEÃO, Â. V. (org.). **Contatos e ressonâncias**: literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. p. 43-72.